



COLÓQUIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

A GEOGRAFIA HUMANISTA NO BRASIL: APONTAMENTOS PARA UMA EPISTEMOLOGIA

Werther HOLZER

Professor da Escola de Arquitetura e Urbanismo
e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Federal Fluminense.
Mestre (UFRJ) e Doutor (USP) em Geografia.

Este texto procura atender a uma demanda deste Colóquio de História do Pensamento Geográfico: acompanhar a trajetória da “Geografia Humanista” no Brasil.

Há muito vinha pensando em dedicar-me a pesquisar este tema, mas as atividades acadêmicas cotidianas apontam para outros caminhos. Agradeço o convite, e o estímulo, para me aprofundar neste tema, que me parece relevante para o cenário atual da Geografia Brasileira, e também para os estudiosos da História do Pensamento Geográfico.

O intervalo entre o convite e a exigência de entrega do texto foi curto, trata-se, portanto de um panorama fragmentário e, com certeza, incompleto. Muitas pesquisas com contribuições importantes devem estar ausentes, por desconhecimento de que foram produzidas. Gostaria de, em outra oportunidade, poder incluí-las em outros produtos da pesquisa que começo a realizar sobre o tema.

O primeiro problema a ser enfrentado foi o de delimitar o universo da pesquisa. Uma breve leitura de textos, versando sobre a geografia humanista ou que mencionavam a utilização do aporte conceitual humanista, mostrou uma miscelânea de abordagens, muitas vezes distantes dos parâmetros que consideramos adequados para delimitar-se o campo disciplinar. Por este motivo selecionamos trabalhos que se remetem à fenomenologia ou à utilização das Humanidades como campo de pesquisa.

O segundo se refere à falta de meios de divulgação eficazes com circulação nacional, talvez seja o maior dilema para a difusão dos princípios teóricos e conceituais da Geografia Humanista no Brasil. Esta, aliás, é uma questão que aflige toda a comunidade científica brasileira: a da precariedade dos meios de divulgação do que é produzido.

Fala-se muito na internet como meio de divulgação eficaz. A exiguidade do tempo que tive para preparar este texto serviu para demonstrar que a rede de comunicação eletrônica resolve apenas de modo parcial este problema: o que se encontra é um palimpsesto de difícil elucidação. Diria que, às vezes, se trata de desinformação.

Faço referência a esta questão, pois pude verificar que muitas pesquisas, principalmente as de mestrado, recorrem com frequência ao que pode ser encontrado na rede. Seria desejável, portanto, o fortalecimento dos laços entre as pesquisas utilizando-se deste meio, tornando visíveis redes de produção e de troca de informações científicas.

Por outro lado, como observou Evangelista, em artigo recente sobre um coletivo próximo, para não dizer, análogo à Geografia Humanista:

”A geografia cultural brasileira é a geografia da Internet. Não fosse isso a sua revolução passaria por baixo do solo de forma menos nítida. A geografia cultural brasileira embora não tenha conquistado os grandes salões da geografia brasileira, tipo, capitanear as primeiras mesas promovidas pela Associação de Geógrafos Brasileiros, ou, ter maior ascendência sobre os encontros promovidos pela Associação de Pós-Graduação em Geografia – ANPEGE, ela promove uma profusão de temas e, de certo modo, é a que explora melhor a internet, explora mais porque não encontra-se esgotada, cansada; pelo contrário, ainda tem muito caminho pela frente.” (2007)

Esta crítica está baseada na idéia de que “há uma notória falta de unidade em termos de configuração de um projeto de poder por parte dos geógrafos culturais” (Evangelista, 2007). Evidentemente, que os projetos da Geografia Humanista norte-americana, ou da “Geografia do Espaço Vivido” francesa, não estão calcados em paradigmas. Uma análise paradigmática deste coletivo seria, portanto, inadequada.

Este artigo de Evangelista nos remete a um terceiro problema, que apenas aponto, já que geraria outro texto, o da proximidade com o coletivo que faz geografia cultural com o coletivo humanista. Existe sim uma coincidência nos métodos e objetivos da chamada Nova Geografia Cultural e a Geografia Humanista. A geografia Humanista foi o motor da renovação da Geografia Cultural Anglo-Saxônica nas décadas de 1970 e 1980, Tuan já destacava este fato propondo uma diferenciação destes novos campos de pesquisa a partir dos métodos utilizados para a análise: o campo da fenomenologia e das Humanidades, seria ocupado pela Geografia Cultural-Humanista.

O que se pretende aqui é propor uma construção epistemológica, que permita a compreensão de um fenômeno recente que, evidentemente, se contrapõe às grandes estruturas de pensamento paradigmáticas do século XX. Esta análise baseia-se na proposta

epistemológica de Feyerabend (1977), como, aliás, já havia proposto em minha dissertação (Holzer, 1992a).

O método adotado, que pretendo seja fenomenológico, baseia-se na experiência pessoal, ou seja, no conhecimento acumulado a partir dos textos que me chegaram às mãos, e em conversas que tive com colegas, desde que me interessei por este assunto, ainda em meados da década de 1980. A este se agrega, porque não, uma busca, entre outros meios de divulgação, na internet, a partir de uma provocação de Feyerabend (1977): “A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso do que suas alternativas representadas por ordem e lei”.

Mas é preciso que retornemos no tempo. Não acredito que seja possível falar-se em Geografia Humanista no Brasil sem citar Christofolletti. Em seu livro “Perspectivas da Geografia” foi o primeiro a fazer referências a este coletivo no Brasil. Mais do que isso propôs uma abordagem a partir das transformações sucessivas no conhecimento científico (geográfico), com ênfase nas tendências contemporâneas, estabelecendo o seguinte esquema sequencial: da Geografia Tradicional (pré-1950) para a Nova Geografia, desta para a Geografia Humanística, a Geografia Idealista e a Geografia Têmporo-Espacial (Christofolletti, 1982, 11-12).

Destaco a palavra “sequencial”, porque ela indica claramente a essência deste livro, impar na carreira de um geógrafo voltado para a geografia física e para a análise de sistemas. Para o autor a Geografia Tradicional teve importância na definição da Geografia como ciência (1982, 15), enquanto que a Nova Geografia estabeleceu procedimentos metodológicos objetivos dos quais a primeira carecia (1982, 16).

Sabemos que Christofolletti optou por basear suas pesquisas nos pressupostos teóricos oferecidos pela Nova Geografia. Então, porque se debruçar sobre as novas “geografias” que se apresentavam naquele momento? Porque apontá-las como uma seqüência posterior à Geografia Nova?

O próprio autor nos responde:

“Se a Nova Geografia representa, na história do conhecimento geográfico, a retomada e aplicação consciente da metodologia científica aos seus problemas, também se compenetraram de muitas das dificuldades e exigências metodológicas, procurando soluções para resolvê-las. A questão da proposição de leis em Geografia Humana, por exemplo, serve de alerta. A formulação de leis é essencial para caracterizar como científica determinada disciplina? Michael Chisholm e Leonard Guelke mostraram as dificuldades do estabelecimento de leis para as atividades humanas” (Christofolletti, 1982, 21).

Estas novas correntes e tendências devem ser conhecidas e avaliadas, para que se possa optar por uma delas ou, propor novas que sejam mais eficazes.

Interessante notar que Christofolletti, não fala em “Geografia da Percepção e do Comportamento”. Nas tendências geográficas alternativas, a Geografia Humanista (Humanística, para o autor, numa tradução literal do inglês) é delimitada a partir de sua base teórica fenomenológica, que concebe o espaço enquanto “espaço presente” (diríamos, espaço vivido) e que tem no espaço, este “espaço presente”, e no lugar suas noções mais importantes (Christofolletti, 1982, 21-22). Esta perspectiva, a partir deste referencial filosófico, valoriza a percepção e as atitudes e o contexto ambiental, na sua crítica à universalização e na, conseqüente, descaracterização do lugar.

Em seu pequeno texto introdutório o autor nada fala sobre o artigo de Lowenthal, talvez o mais importante dos incluídos como referência à abordagem Humanista, por remeter-se para uma nova epistemologia para a Geografia.

Importante destacar que quando “Perspectivas da Geografia” foi lançado, havia dois anos Livia de Oliveira traduzira “Topofilia” de Tuan (1980), originalmente publicado em 1974. No subtítulo da versão em português já aparecia a interpretação pessoal da tradutora ao transliterar “*a study of environmental perception, attitudes, and values*”, literalmente “um estudo da percepção ambiental, atitudes e valores”, por “um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”. Como ressaltaram Gratão e Marandola Jr, Livia se aproximou da Geografia Humanista a partir da obra de Piaget e, neste caso:

“É importante lembrar aqui, que a idéia piagetiana é de conduta e não de comportamento, o que Livia de Oliveira sempre chama a atenção. Por isso, não trabalha com uma “Geografia da Percepção” ou uma “Geografia do Comportamento”, expressões que julgamos inadequadas. A professora faz questão de frisar que não faz, nem nunca fez, “Geografia Comportamental” ou “Geografia do Comportamento”, como aparece, inclusive, em alguns manuais de Geografia que misturam percepção com comportamento.” (2006, 8)

Não pretendo me estender aqui sobre a obra de Livia de Oliveira, e do coletivo da UNESP de Rio Claro, pois sobre este tema já temos bons artigos publicados como o citado acima e o de Amorim (2006). Pretendo sim, destacar a importância de Antônio Christofolletti e de Livia de Oliveira na disseminação das idéias humanistas pelo Brasil. Para isso é necessário falar sobre uma pequena “revolta” ocorrida no mestrado em geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro no primeiro semestre de 1986.

Teoria da Geografia e Métodos Quantitativos em Geografia eram as disciplinas obrigatórias para os alunos que ingressavam no mestrado em geografia da UFRJ na década de 1980. As disciplinas eram ministradas por geógrafos físicos, voltados para os aportes teóricos neopositivistas da Nova Geografia. No primeiro semestre de 1986, a turma formada por jovens interessados na Geografia Crítica, se rebelou contra a orientação da disciplina de Teoria da Geografia, forçando a troca do professor da disciplina. Assumiu Berta Becker, que ampliou o leque de discussões para as mais diversas orientações teóricas. Entre os volumes sugeridos na bibliografia estava “Perspectivas da Geografia”.

Provavelmente foi deste modo que a Geografia Humanista chegou ao mundo acadêmico da Geografia do Rio de Janeiro. Este contato gerou duas dissertações sobre o assunto, “A Geografia Humanista - Sua Trajetória de 1950 a 1990” (Holzer, 1992a) e “O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística” (Mello, 1991) orientadas, respectivamente, pelos professores Maurício de Almeida Abreu Roberto Lobato Corrêa.

Outros pesquisadores também se dedicaram, de forma indireta ao tema, entre estes, destaque o trabalho pioneiro de Armando Corrêa da Silva (1986) intitulado “Geografia e Fenomenologia”. Sobre o novo aporte teórico temos “O contexto teórico do desenvolvimento dos estudos humanísticos e perceptivos na Geografia” de Amorim Filho (1987) que, um ano antes traduzira o livro “Geografia e geógrafos: a geografia humana anglo-americana desde 1945”, (JOHNSTON, 1986); e “Os Caminhos da Geografia Humana no Brasil” (CARLOS, 1992), onde uma “vertente fenomenológica” é citada (p. 137-138). Alguns artigos, traduzidos para o português, como os de Tuan (1975), Guelke (1977) e Pocock (1988), ajudaram a disseminar os princípios da Geografia Humanista.

Assim como a produção de Rio Claro, a repercussão destes trabalhos foi eminentemente local. Talvez os primeiros artigos publicados em periódicos de circulação nacional tenham sido as sínteses das dissertações já citadas “Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo” (MELLO, 1990) e “A Geografia Humanista Anglo-Saxônica - de suas origens aos anos 90” (HOLZER, 1993); ambas, veiculadas na “Revista Brasileira de Geografia”, periódico de circulação nacional.

Nos congressos de geógrafos a divulgação da geografia humanista, parece ter se iniciado na mesma época, e em contexto semelhante, durante o IX Encontro Nacional de Geógrafos, quando foram apresentados dois trabalhos referentes ao tema: “A Geografia Humanista de 1950 a 1990” (HOLZER, 1992b) e “Geografia Cultural e Geógrafos Culturalistas: Uma Leitura Francesa” (ALMEIDA, 1993). O segundo, de Maria Geralda de

Almeida, retornada recentemente de um Pós-Doutorado no Canadá. Este trabalho falava da Geografia do Espaço Vivido, muito próxima à Geografia Humanista Norte-Americana e, ainda hoje, pouco estudada em nosso meio acadêmico.

Apesar destas iniciativas de divulgação isoladas, a temática da Geografia Humanista, teve uma divulgação totalmente marginal durante a década de 1990. Acredito que motivada, principalmente, por uma associação de seu aporte teórico com o da Geografia Comportamental e/ou com os estudos de Percepção Ambiental, de orientação neopositivista. Nos meios acadêmicos de vanguarda, também havia ressalvas sobre a viabilidade de se produzir estudos de caso e trabalhos empíricos utilizando-se o método fenomenológico. Até hoje estas questões são enunciadas em eventos freqüentados por geógrafos, reproduzindo uma querela interna da Geografia Norte-Americana.

Considero a primeira questão ultrapassada, os métodos e interesses dos dois coletivos são bastante diversos, apesar de seus temas de estudos serem próximos ou, muitas vezes, coincidentes. A segunda é uma questão mais complexa. Aqui como nos Estados Unidos da América, muito se falou sobre o método fenomenológico, mas pouco se produziu a partir do aporte da fenomenologia. Uma crítica comum dos geógrafos norte-americanos era de que se escrevia muito sobre o aporte teórico fenomenológico, mas que este esforço não se refletia nos estudos de caso e no trabalho empírico. Isso também ocorreu com a geografia crítica. Aportes teóricos novos exigem um aprofundamento nos preceitos conceituais para que possam gerar métodos de pesquisa consistentes.

Também no Brasil os primeiros trabalhos a falarem sobre a Geografia Humanista se referiam ao aporte teórico-conceitual. No início da década de 1990, que tenha conhecimento, Mello (1991), em sua dissertação, foi o único a aplicar o método num estudo de caso: o Rio de Janeiro a partir da música popular.

Nos congressos e encontros a apresentação de trabalhos sobre o tema da Geografia Humanista era iniciativa isolada em sessões de comunicação. Destes podem ser citados, por exemplo, os apresentados em uma das seções de comunicações livres durante o V Congresso Brasileiro de Geógrafos: “O Lugar e o Mundo Vivido (HOLZER, 1994a); “A Profanação dos Lugares” (MELLO, 1994); “Corpo-Casa, Espaço-Lugar; do indivíduo e da sacralização do espaço” (SANTOS Jr., 1994).

Neste mesmo V Congresso Brasileiro de Geógrafos houve uma exceção, com a organização de uma mesa redonda com o tema “Fenomenologia e Geografia”, coordenada por Christian Dennis Monteiro de Oliveira, da AGB de São Paulo, na qual participaram os

Professores Francisco Capuano Scarlato (USP) e Werther Holzer (UFF), desta resultou o artigo “Geografia e Fenomenologia sob a Perspectiva Humanista” (HOLZER, 1994b).

Uma divulgação mais ampla da produção em Geografia Humanista no Brasil, no entanto, só se tornou possível a partir da realização de eventos menores e voltados para temáticas mais específicas. Destes, com certeza, o que proporcionou maior divulgação de autores e temas da Geografia Humanista foram os Simpósios sobre Espaço e Cultura, promovidos pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Espaço e Cultura, NEPEC, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, organizados pelos professores Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa.

Destaco estes Simpósios porque os temas debatidos nas mesas e seções de comunicação foram em seguida publicados, em livros ou na revista “Espaço e Cultura”, permitindo a difusão dos trabalhos apresentados e uma troca efetiva de informações entre os pesquisadores. Já na primeira edição do evento, em 1998, houve uma seleção de trabalhos publicados em livro (ROSENDAHL e CORRÊA, 1999) entre eles um texto que discutia a Geografia Humanista (HOLZER, 1999a).

Na segunda edição do Simpósio foi proposta uma mesa redonda intitulada “Matrizes da Geografia Cultural”, onde as contribuições de Dardel (HOLZER, 2001a) e de Tuan (MELLO, 2001) foram debatidas. A temática desta mesa foi mantida nas versões subsequentes, permitindo um aprofundamento nos referenciais teóricos humanistas e uma discussão sobre sua proximidade com a Geografia Cultural Renovada.

Outra mesa em que a Geografia Humanista foi apresentada como alternativa teórico-metodológica foi a intitulada “Paisagem e Simbolismo”, com os trabalhos de Vera Mayrinck Melo (2001) e Edvânia Tôrres Aguiar Gomes (2001), ambas da Universidade Federal de Pernambuco.

Na terceira edição do Simpósio na mesa “Matrizes da Geografia Cultural”, foram discutidas entre outras a obra de David Lowenthal (HOLZER, 2005) e Anne Buttimer (MELLO, 2005).

Assim, ainda que de forma modesta, estes Simpósios permitiram a discussão e divulgação da Geografia Cultural-Humanista. Recentemente, por iniciativa de ex-alunos de Livia de Oliveira, ocorreram alguns encontros em que a divulgação de trabalhos versando sobre a temática humanista foi mais ampla.

A título de exemplo destaco o I Encontro de Percepção da Paisagem e Cidade, onde ocorreram palestras intituladas “‘Olhar’ a Cidade pelos ‘Olhos’ das Águas” (GRATÃO, 2006a) e “Percepção e Paisagem da Cidade” (OLIVEIRA, 2006). Entre as comunicações



apresentadas algumas que se identificavam como humanistas: “Um Estudo Humanístico em Belo Horizonte-MG: Praça da Liberdade e Raul Soares” (CARVALHO, 2006); “Percepção Espacial, Crime e Medo: Evidências Sócio-Espaciais e Sociabilidades em Marília/SP” (CARVALHO, FÉLIX, SILVA, 2006); “Por entre Becos e Versos - A Cidade Vi(vi)da de Cora Coralina Contemplada pelo Campo da Imaginação Geográfica” (GRATÃO, 2006b); “Paisagem Vernacular: o uso de imagens na avaliação dos assentamentos salineiros da Região dos Lagos Fluminense” (HOLZER, CRICHYNO, BASTOS, 2006).

As duas primeiras comunicações citadas no parágrafo anterior permitem uma breve problematização sobre a produção acadêmica que se identifica com a Geografia Humanista. Os trabalhos baseiam seu aporte teórico em apenas um ou dois títulos que se referem ao tema. Trata-se de estudos de caso, habitualmente envolvendo entrevistas a partir de questionários fechados, onde é utilizado um conceito que “instrumentaliza” a pesquisa a partir de um determinado conceito (no caso toponímia e espaço vivido). A conclusão não se reporta ao método, ou seja, não se refere à fenomenologia ou às humanidades como aporte principal da investigação.

No Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente, realizado em 2005 em Londrina, houve um esforço de se incorporar a Geografia Humanista no contexto dos estudos sobre Percepção Ambiental no Brasil. Das vinte sessões temáticas, ao menos quatro procuravam agrupar trabalhos humanistas: geografia e literatura; arte, linguagem e cidade; lugar e cultura: entre versos, sonoridades, cantos e personagens; lugar e identidade: cultura e mundo vivido. Enquanto que das quatro mesas pelo menos três aproximavam-se do aporte humanista: imaginário geográfico; paisagem e lugar; geopoética e geograficidade. As apresentações das mesas foram consolidadas com a publicação de um livro (OLIVEIRA; FERREIRA; GRATÃO, MARANDOLA Jr., 2006).

Este Simpósio, que agrupou um número expressivo de pesquisadores na área da Percepção Ambiental, serviu para que se tivesse um panorama da produção no Brasil, inclusive sobre o aporte humanista. No meu ponto de vista, epistemologicamente, nos encontramos hoje como os geógrafos norte-americanos em meados da década de 1960: procurando aprofundar as questões de aplicação de métodos de análise, mas ainda distantes de correlacionar estes métodos com um aporte teórico e conceitual sólido.

Acredito que esta afirmação pode ser confirmada a partir de um exame de textos, acessíveis pela internet, que se propõe a discutir a Geografia Humanista. A título de exemplo procurei agrupá-los a partir de suas intenções básicas, considerando três conjuntos de

questões: resenhas relativas a categorias espaciais; artigos que propõe discussões teóricas sobre a disciplina e estudos de caso que elegem o aporte humanista como base da pesquisa.

As resenhas que selecionamos versam sobre três essências espaciais: lugar, paisagem e região. Destas o “lugar”, com certeza, foi (re)significado pelos geógrafos humanistas, certamente a partir de um diálogo entre Luckerman (1964) e Sauer (1983) A partir deste debate o lugar deixa de ser considerado pela geografia como uma referência locacional, passando a ser, principalmente a partir da obra de Tuan e de Relph e com o auxílio do método fenomenológico, uma referência individual e coletiva na construção de um debate sobre o espaço geográfico.

No Brasil esta discussão foi encaminhada, entre outros autores, por Mello (1994, 1997, 2001, 2002, 2003), principalmente a partir das reflexões sobre o lugar com base em Tuan (1983) e sobre o “deslugar” a partir de Relph. (1976). Por Holzer a partir de sua dissertação de mestrado (1992a), em artigos e capítulos de livro onde foram discutidos os conceitos de lugar, tendo como referência principalmente Sauer, Luckerman, Tuan e Heidegger (HOLZER, 1994a, 1999b, 2003); de não lugar, também a partir de Relph (HOLZER, 2006); ou de como se constituem os lugares no Brasil a partir da chegada dos portugueses (HOLZER, 2000, 2001b). Leite (1998) e Fonseca (2001), são bons exemplos ao discorrerem sobre o lugar segundo as acepções humanista e marxista (crítica). Serpa (2001), por sua vez reflete sobre a utilização do aporte humanista na produção dos lugares.

Sobre a paisagem, que permeia o debate geográfico desde seus primórdios, é discutida principalmente sua retomada como conceito fundamental para a geografia e a ampliação de seu significado. Para os geógrafos humanistas as principais referências seriam, entre os norte-americanos David Lowenthal (1985), entre os ingleses Cosgrove (1984) e entre os franceses Berque (1984, 1990).

No Brasil o conceito de paisagem foi retomado, de forma que considero tímida, segundo os referenciais humanistas por autores como Melo (2005), que a partir da análise deste conceito segundo a Geografia Cultural Tradicional, levanta as contribuições da Geografia Humanista e da Nova Geografia Cultural. Serpa (1999) que relaciona a homogeneização das paisagens (clonagem) com os não-lugares. Holzer (1997) ao fazer um estudo comparativo da paisagem com outros conceitos utilizados pelos humanistas (lugar, território, ambiente); mais recentemente (HOLZER, 2006b) vem se dedicando ao estudo da “paisagem vernacular”, a partir de Lowenthal (1985), Lewis (1979) e Berque (1985).

Outro conceito que vem sendo discutido a partir de uma abordagem humanista é o de “região”, a partir de uma reflexão que considero pioneira de Lencioni (1999), onde são

discutidas as contribuições da Geografia Humanista e da Geografia Marxista para a sua renovação. Queiroz (s.d), discute a região com espaço vivido, tendo como referências a própria Lencioni e Bezzi (2002), esta última dedicada ao estudo da região a partir da identidade cultural.

Artigos que propõe discussões teóricas sobre a disciplina são mais raros, já foram citados os publicados como resultado dos Simpósios sobre Espaço e Cultura, da UERJ, estes voltados para as contribuições de outras matrizes não brasileiras. Entre as elaborações nacionais estão a de Holzer (1996) e de Marandola Jr. e Ferreira (2001), discutindo as relações entre Arte e Geografia; Serpa (2005 e 2006) explorando a aplicação do conceito de Culturas Transversais, no estudo de novos fenômenos de sociabilidade decorrentes da urbanização contemporânea, a partir de Mitchell (1999) e Cosgrove (1998); além da investigação de Marandola Jr (2005), que considero profunda, sobre o “espaço existencial”.

Finalmente nos deparamos com uma gama de artigos que se identificam com a Geografia Humanista para a realização de seus estudos de caso. Identificamos na Internet, que estes artigos, ao menos os disponíveis, estão concentrados na pesquisa de fenômenos urbanos ou na área da Geografia do Turismo. Grande parte destes trabalhos se dedica a identificar o “lugar” dos habitantes e/ou usuários de um determinado sítio.

A título de conclusão, podemos afirmar que o aporte oferecido pela Geografia Humanista vem sendo cada vez mais utilizado pelos geógrafos brasileiros. Mais do que isso, ele tem sido empregado por profissionais de outras áreas como economistas, arquitetos, artistas e até médicos, quando seus estudos se referem ao estudo do cotidiano dos indivíduos e de comunidades sobre um determinado suporte físico.

Este primeiro esboço que ora apresento indica a necessidade de um esforço de troca e de sistematização das informações sobre o que é produzido, sobre os autores mais consultados e sobre os temas preferenciais de pesquisa. Se for possível a formação de uma rede destes pesquisadores, como os professores da Universidade Estadual de Londrina já intentaram com o “Geosaber”, um grupo de discussão virtual, certamente descobriremos que a construção de uma Geografia Cultural-Humanista brasileira é um projeto que poderá render excelentes trabalhos e pesquisas inovadoras, contribuindo para a enunciação de novas questões e de novos projetos tanto para a Geografia quanto para outras ciências correlatas que estudam o espaço.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Geralda. Geografia Cultural e Geógrafos Culturalistas: Uma Leitura Francesa.. Geosul, v. 14, p. 35-47, 1993.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. O contexto teórico do desenvolvimento dos estudos humanísticos e perceptivos na Geografia. In: Oswaldo Bueno Amorim Filho. (Org.). Percepção Ambiental: contexto teórico e aplicações ao tema urbano. 1 ed. Belo Horizonte: Instituto de Geociências da UFMG, 1987, v. 1, p. 9-20.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Lívia de Oliveira: uma educadora explorando as fronteiras mais avançadas da geografia. Geografia (Rio Claro), v. 31, p. 411-426, 2006.

BERQUE, Augustin. Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle. L'espace Géographique. 8 (1) : 33-34, 1984.

BERQUE, Augustin. Milieu, trajet de paysage et déterminisme géographique. L'espace Géographique. 9 (2) : 99-104, 1985.

BERQUE, Augustin. Médiance de Milieux en Paysages. Montpellier, GIP Reclus, 1990. 163 p.

BEZZI, Méri Lourdes. Região como Foco de Identidade Cultural. Geografia, V. 27, No. 1, 2002. P. 5-20.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Os Caminhos da Geografia humana no Brasil. Boletim Paulista de Geografia. 71, p. 129- 142, 1992 (publicado em 1993).

CARVALHO, Rodrigo Coelho de. "Um Estudo Humanístico em Belo Horizonte-MG: Praça da Liberdade e Raul Soares". in: Anais do I Encontro de Percepção da Paisagem e Cidade. Bauru, NUPECAM, 2006 (CD – ROM).

CARVALHO, Márcio Ricardo de; FÉLIX, Sueli Andruccioli; SILVA, Simone da Conceição. "Percepção Espacial, Crime e Medo: Evidências Sócio-Espaciais e Sociabilidades em Marília/SP". in: Anais do I Encontro de Percepção da Paisagem e Cidade. Bauru, NUPECAM, 2006 (CD – ROM).

CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo, DIFEL, 1982.
COSGROVE. Denis. Social Formation and Symbolic Landscape. London, Croom Helm, 1984.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: Corrêa, Roberto Lobato e Rosendahl, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.

EVANGELISTA, Hélio de Araújo. Cultura e Geografia. Revista geo-paisagem (on line). Ano 6, nº 11, 2007.



FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. Rio de Janeiro. Liv. Francisco Alves, 1977.

FONSECA, Antônio Ângelo Martins. *A Emergência do Lugar no Contexto da Globalização*. *Revista de Desenvolvimento Econômico*, Ano 3, No. 5, 2001. P. 96-103.

GOMES, Edvania Tôrres Aguiar. *Natureza e Cultura - Representações de uma Paisagem*. In: Zeny Rosendahl; Roberto Lobato Corrêa. (Org.). *Paisagem, Imaginário e Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 49-70.

GRATÃO, Lúcia Helena B. *Olhar' a Cidade pelos 'Olhos' das Águas*. in: *Anais do I Encontro de Percepção da Paisagem e Cidade*. Bauru, NUPECAM, 2006a (CD – ROM).

GRATÃO, Lúcia Helena B. “*Por entre Becos e Versos - A Cidade Vi(vi)da de Cora Coralina Contemplada pelo Campo da Imaginação Geográfica*”. in: *Anais do I Encontro de Percepção da Paisagem e Cidade*. Bauru, NUPECAM, 2006b (CD – ROM).

GRATÃO, Lúcia Helena Batista; MARANDOLA Jr., Eduardo. (Org.). *Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente*. Londrina, Edições Humanidades, 2006.

GUELKE, Leonard. *Uma Alternativa Idealista na Geografia Humana*. *Boletim Geográfico*. 252 (35): 36-49, 1977.

HOLZER, Werther. *A Geografia Humanista Anglo-Saxônica – de suas origens aos anos 90*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992a. (Dissertação de Mestrado).

HOLZER, Werther. *A Geografia Humanista de 1950 a 1990*. In: IX Encontro Nacional de Geógrafos - *Contribuições Científicas: Resumos*. São Paulo, SP, Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1992b. p. 106.

HOLZER, Werther. *A Geografia Humanista Anglo-Saxônica - de suas origens aos anos 90*. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1/4, p. 109-149, 1993.

HOLZER, Werther. *O Lugar e o Mundo Vivido*. In: 5º. Congresso Brasileiro de Geógrafos – *Contribuições Científicas: Resumos*. Curitiba, PR, AGB, 1994a, p. 16.

HOLZER, Werther. *Geografia e Fenomenologia sob uma Perspectiva Humanista*. In: 5º. Congresso Brasileiro de Geógrafos – *Anais: volume 1*. Curitiba, PR, AGB, 1994b, p. 278-280.

HOLZER, W. . *A Arte da Geografia e os Geógrafos Humanistas*. *Revista Fluminense de Geografia*, Niterói, n. 1, p. 21-28, 1996.

HOLZER, Werther. *Uma Discussão Fenomenológica sobre os Conceitos de Paisagem, Lugar, Território e Meio Ambiente*. *Território*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 77-85, 1997.

HOLZER, Werther. *Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o estudo geográfico*. In: Zeny Rosendahl; Roberto Lobato Corrêa. (Org.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999a, p. 149-168.



HOLZER, W. O Lugar na Geografia Humanista. Território, Rio de Janeiro, n. 7, p. 67-78, 1999b.

HOLZER, W. . Memórias de Viajantes: paisagens e lugares de um Novo Mundo. Geographia, Niterói, n. 3, p. 111-122, 2000.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: Rosendahl, Zeny; Corrêa, Roberto Lobato. (Org.). Matrizes da geografia cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001a, p. 103-122.

HOLZER, W. . O Lugar dos Ocupantes: a configuração do Brasil no século XVI. In: Thereza Carvalho Santos. (Org.). Dinâmicas Territoriais: tendências e desafios da integração do Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro, RJ.: CIORD/UNB e AAP, 2001b, v. , p. 242-252.

HOLZER, W. . O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. Geographia, UFF/EGG, Niterói, RJ, v. 5, n. 10, p. 113-123, 2003.

HOLZER, Werther. A Geografia Cultural e a História: uma leitura a partir da obra de Lowenthal. Espaço e cultura, Rio de Janeiro, p. 32-47, 2005.

HOLZER, W. . Sobre paisagens, lugares e não-lugares. In: Livia de Oliveira; Yoshya Nakagawara Ferreira; Lúcia Helena Batista Gratão; Eduardo Marandola Jr.. (Org.). Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina: Edições Humanidades, 2006.

HOLZER, Werther; CRICHYNO, Jorge; BASTOS, João Paulo Silva. "Paisagem Vernacular: o uso de imagens na avaliação dos assentamentos salineiros da Região dos Lagos Fluminense". in: Anais do I Encontro de Percepção da Paisagem e Cidade. Bauru, NUPECAM, 2006 (CD – ROM).

JOHSTON, R. J. Geografia e geógrafos: a geografia humana anglo-americana desde 1945. São Paulo, DIFEL, 1986.

LEITE, Adriana Filgueira. O Lugar: duas acepções geográficas. Anuário do Instituto de Geociências. V. 21, 1998. P. 9-20.

LENCIONI, Sandra. Região e Geografia. São Paulo, EDUSP, 1999.

LEWIS, Peirce. Axioms for Reading the Landscape. In: Meinig, D. W. (ed.). The Interpretation of Ordinary Landscapes: geographical essays. Oxford, Oxford University Press, 1979. p. 11-32.

LOWENTHAL, David. The Past is a Foreign Country. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.

LUCKERMANN, F. Geography as a formal intellectual discipline and the way in which it contributes to human knowledge. Canadian Geographer. 8 (4) : 167-172, 1964.

MARANDOLA Jr., Eduardo; FERREIRA, Yoshya Nakagawara. Arte e Geografia sob as Perspectivas Cultural e Humanística. Anais da 53ª Reunião da SBPC (resumos), Salvador, 2001.

MARANDOLA Jr., Eduardo. Da Existência e da Experiência: origens de um Pensar e de um Fazer. Cadernos de Geografia. V. 15, nº. 24, 2005. P. 49-67.



MELO, Vera Mayrinck de Oliveira. Paisagem e Simbolismo. In: Zeny Rosendahl; Roberto Lobato Corrêa. (Org.). Paisagem, Imaginário e Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MELO, Vera Mayrinck de Oliveira. A Paisagem sob a Perspectiva de Novas Abordagens Geográficas. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo, USP, 2005. p. 9146-9185.

MELLO, João Batista Ferreira de. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-115, 1990.

MELLO, João Batista Ferreira de. O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística. Rio de Janeiro, UFRJ, 1991. (Dissertação de Mestrado)

MELLO, João Batista Ferreira de. A Profanação dos Lugares. In: 5º. Congresso Brasileiro de Geógrafos – Contribuições Científicas: Resumos. Curitiba, PR, AGB, 1994, p. 16-17.

MELLO, J. B. F. . Espaço, Lugar e Deslugar. Revista Redes, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 93-107, 1997.

MELLO, João Batista Ferreira de. Descortinando e (Re)pensando categorias espaciais com base na obra Yi-Fu Tuan.. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z.. (Org.). Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 87-101.

MELLO, J. B. F. . A Restauração dos Lugares do Passado. Geo UERJ, Rio de Janeiro, p. 63-68, 2002.

MELLO, J. B. F. . Símbolos dos Lugares, dos Espaços e dos Deslugares. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, v. 16, p. 64-72, 2003.

MELLO, João Batista Ferreira de. Valores em Geografia e o Dinamismo do Mundo Vivido na Obra de Anne Buttimer. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, v. 19-20, p. 33-39, 2005.

MITCHELL, Don. Não Existe aquilo que Chamamos de Cultura: para uma reconceitualização da idéia de cultura em geografia. Espaço e Cultura, no. 8, 1999. P. 31-51.

OLIVEIRA, Livia de. Percepção e Paisagem da Cidade. in: Anais do I Encontro de Percepção da Paisagem e Cidade. Bauru, NUPECAM, 2006 (CD – ROM).

OLIVEIRA, Livia de; FERREIRA, Yoshya Nakagawara; Gratão, Lúcia Helena Batista; Marandola Jr., Eduardo. (Org.). Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina: Edições Humanidades, 2006.

POCOCK, Douglas C. D. As Bases Fenomenológicas da Geografia. Geografia, 12 (1): 87-99, 1988.

QUEIROZ, Marcos Antônio. O conceito Epistemológico de Região sob a Ótica da Geografia Humanística/Fenomenológica. Disponível em:



www.dge.uem.br/semana/ARTIGOS/eixo_4_metodologia_educacao/51.pdf -, acesso em 12/02/2008.

RELPH, Edward. Place and Placelessness. London, Pion, 1976.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, v. , p. 149-168.

SANTOS Jr. Severiano José dos. Corpo-Casa, Espaço-Lugar; do indivíduo e da sacralização do espaço. In: 5º. Congresso Brasileiro de Geógrafos – Contribuições Científicas: Resumos. Curitiba, PR, AGB, 1994, p. 16.

SAUER, Carl Ortwin. The morphology of landscape. In: Leighly, J. (ed.). Land and Life - A Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer. Berkeley, University of California Press, 1983, p. 315-350.

SERPA, Ângelo Szaniecki Perret. Clonagem de Paisagens: Como alguns projetos de intervenção transformam as paisagens urbanas em não-lugares. Paisagem e Ambiente - Ensaios, São Paulo-SP, FAUUSP, v. 12, p. 301-309, 1999.

SERPA, Ângelo Szaniecki Perret. Percepção e Fenomenologia: Em Busca de um Método Humanístico para Estudos e Intervenções do/no Lugar. Olam, Rio Claro - SP, v. 1, n. 2, p. 29-61, 2001.

SERPA, Ângelo Szaniecki Perret. A Hegemonia das Culturas Transversais: Conseqüências Epistemológicas para a Geografia Humanística e Cultural. In: Anais do IX Simpósio Nacional de Geografia Urbana - Cidades: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais - CD ROM. Manaus-AM : UEA/UFAM/AGB, 2005. p. 1-15.

SERPA, Ângelo Szaniecki Perret. Culturas transversais: um novo referencial teórico-metodológico para a Geografia Humanística e Cultural? In: Anais do 1º Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações - "Espaço e representações: reconstruções teóricas do geográfico". Curitiba-PR : Edição do NEER Geografia/UFPR, 2006. v. 1. p. 1-6.

SILVA, Armando Corrêa da. Fenomenologia e Geografia. Orientação. 7: 53-56, 1986.

TUAN, Yi-Fu. Ambigüidades nas Atitudes para com o Meio Ambiente. Boletim Geográfico, 245 (33): 5-23, 1975.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo, DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo, DIFEL, 1983.